

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**TAIANNE DE SOUSA CARVALHO RODRIGUES**

**O MODO DE FALAR DOS PERSONAGENS CHICO BENTO E CEBOLINHA  
DE MAURÍCIO DE SOUSA EM TIRINHAS DOS PERSONAGENS: um  
exercício de análise sociolinguística**

**SANTA CRUZ DO PIAUÍ  
2024**

**TAIANNE DE SOUSA CARVALHO RODRIGUES**

**O MODO DE FALAR DOS PERSONAGENS CHICO BENTO E CEBOLINHA DE  
MAURÍCIO DE SOUSA EM TIRINHAS DOS PERSONAGENS: um exercício de  
análise sociolinguística**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado ao Curso de Letras/Português,  
modalidade EaD, da Universidade Estadual do  
Piauí – UESPI, como requisito para a obtenção do  
título de Licenciada em Letras/Português.

Orientador: Profa. Dra. Silvana da Silva Ribeiro

**SANTA CRUZ DO PIAUÍ  
2024**

**TAIANNE DE SOUSA CARVALHO RODRIGUES**

**O MODO DE FALAR DOS PERSONAGENS CHICO BENTO E CEBOLINHA DE  
MAURÍCIO DE SOUSA EM TIRINHAS DOS PERSONAGENS: um exercício de  
análise sociolinguística**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentado ao Curso de Letras/Português,  
modalidade EaD, da Universidade Estadual do  
Piauí – UESPI, como requisito para a obtenção do  
título de Licenciada em Letras/Português.

Orientador: Profa. Dra. Silvana da Silva  
Ribeiro

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Silvana da Silva Ribeiro – NEAD/UESPI  
Presidente

---

Profa. Dra. Jurema Silva Araújo  
Examinadora Externa

---

Prof. Me. Marcos Helam Alves da Silva  
Examinador Interno

Dedico este trabalho a todos que acreditaram no poder transformador da educação, especialmente aos meus familiares, amigos e professores, que me apoiaram nesta jornada de conhecimento e superação. E a cada aluno que, assim como eu, busca na língua a força para se expressar e sonhar.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão a todos que estiveram ao meu lado nesta jornada de aprendizado e crescimento. Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me conceder o dom da vida e pela sabedoria que me guiou ao longo deste curso, sempre com retidão e compromisso.

Aos meus pais, Ana de Sousa Carvalho Costa e Francisco Rodrigues da Costa, deixo meu sincero agradecimento pelo constante incentivo, apoio e amor. Vocês não apenas me ensinaram a acreditar em um sonho, mas também fizeram dele uma realidade, sempre priorizando meus estudos e me protegendo de outras responsabilidades para que eu pudesse focar na minha trajetória acadêmica. Minha eterna gratidão a vocês, que são a minha base.

A meu irmão, Tiago de Sousa Carvalho Rodrigues, e à meu namorado Pedro Anderson Vitoriano Oliveira, meu profundo agradecimento pelo apoio e incentivo que me motivaram a persistir, mesmo diante das maiores dificuldades. A crença de vocês em mim foi um farol que me guiou, fazendo-me acreditar que era possível, mesmo quando eu queria desistir.

À minha orientadora, Silvana Ribeiro, que foi um verdadeiro exemplo de dedicação e sabedoria. Agradeço profundamente por suas orientações detalhadas e pelas sugestões valiosas, que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos amigos que estiveram ao meu lado ao longo desta trajetória acadêmica, em especial, a Íris Moura, agradeço o companheirismo que compartilhamos. Juntas enfrentamos momentos felizes e desafiadores e cada lembrança ficará eternamente gravada em minha memória.

A todos meus professores e tutores, em especial, Maria Conceição e Herbet, pelos ensinamentos, rumos que me fizeram trilhar em direção ao conhecimento, vocês foram verdadeiros pilares na minha formação, expresso minha mais sincera gratidão pelo ensino dedicado e pela colaboração constante ao longo da minha jornada acadêmica.

Agradeço profundamente a todos que, de alguma forma, estiveram presentes em meu processo de formação e desenvolvimento. Seja por meio de conselhos, apoio, amizade ou carinho, cada gesto deixou uma impressão duradoura em minha jornada. Que este instante de gratidão represente o imenso apreço e reconhecimento que sinto por cada um de vocês.

## RESUMO

A sociolinguística busca estudar a variação e as formas linguísticas que concorrem entre si, procurando entender de que forma a linguagem se apropria e se transforma em diversos quadros socioculturais. Os tipos de variações linguísticas são variação diacrônica (histórica), variação diatópica (geográfica), variação diafásica (formal x informal) e variação diastrática (grupos sociais). O presente trabalho tem como objetivo geral realizar uma pesquisa sociolinguística acerca dos falares de Chico Bento e Cebolinha em tirinhas com os referidos personagens. E como objetivo específico, identificar em que variações linguísticas se enquadram o falar de Chico Bento e Cebolinha de Mauricio de Sousa, presente em tirinhas dos referidos personagens, bem como classificar os falares desses personagens em suas respectivas variações linguísticas. A análise dos falares de Chico Bento e Cebolinha é relevante para que possamos identificar os principais aspectos sobre a diversidade linguística e a relevância desse estudo para a Língua Portuguesa. O referencial teórico será composto por Alkmin (2008), Borin (2010), Calvet (2002), Camacho (2004), Cezario; Votre (2011), Labov (2008), Salomão (2011) e Tarallo (2002). Desse modo, o estudo do falar dos personagens Chico Bento e Cebolinha oportunizará uma reflexão sobre a variação linguística. A metodologia desta pesquisa consistirá na leitura de obras da área da Sociolinguística, no que concerne à variação linguística, bem como de algumas tirinhas dos referidos personagens de Maurício de Sousa, com vistas a verificar o seu falar e identificar em que variação linguística estes se enquadram. Consideraremos a hipótese de que as histórias de Maurício de Sousa, ao trazer o falar dos personagens Chico Bento e Cebolinha, pretende despertar em seus leitores a reflexão acerca das variações linguísticas e mostrar que esses falares existem e são úteis à comunicação no ambiente em que eles vivem.

**Palavras-chaves:** Oralidade. Chico Bento. Cebolinha. Sociolinguística. Variação linguística.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	08
<b>Capítulo 1- Contextualização histórica sobre a Sociolinguística</b>	10
1.1 O que é variação linguística	18
1.2 Tipos de variação linguística	21
1.3 As tirinhas na Língua Portuguesa	25
<b>Capítulo 2 – Metodologia e Análise dos Dados</b>	29
2.2.1 A metodologia	29
2.2.2 O <i>Corpus</i> da pesquisa	30
2.2.3 Análise dos Dados	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	40
<b>REFERÊNCIAS</b>	43

## Introdução

O universo dos quadrinhos é um reflexo da sociedade e, muitas vezes, abordam questões sociais relevantes que permeiam diversas formas de comunicação. Os personagens Chico e Cebolinha, criados por Maurício de Sousa, representam uma oportunidade única de investigar o modo de falar e suas implicações no contexto da Língua Portuguesa.

De acordo com Alkmim (2005), a língua portuguesa é rica em variedades linguísticas. “Tomando-se a comunidade de fala de língua portuguesa como um todo, podemos-nos referir às variedades brasileiras, portuguesa, baiana, curitibana, rural paulista (ou caipira) etc.” (Alkmim, 2005, p. 35). Cada região possui o seu próprio dialeto, o que enriquece ainda mais nossa língua e cultura.

Nessa perspectiva, o interesse em desenvolver a presente pesquisa surgiu como uma inquietação pessoal em desenvolver a análise sociolinguística por meio do modo de falar dos personagens Chico Bento e Cebolinha, de Maurício de Sousa, tornando-se uma abordagem didática e dinâmica para compreender que o uso de tirinhas se configura como método que facilita na aprendizagem dos alunos em sala de aula.

A pesquisa tem como objetivo geral realizar uma pesquisa sociolinguística acerca dos falares de Chico Bento e Cebolinha em tirinhas com os referidos personagens. E como objetivo específico, identificar em que variações linguísticas se enquadram o falar de Chico Bento e Cebolinha de Mauricio de Sousa, presente em tirinhas dos referidos personagens, bem como classificar os falares desses personagens em suas respectivas variações linguísticas.

A hipótese desta pesquisa é que o uso de tirinhas oferece uma oportunidade significativa para explorar o impacto do modo de falar dos personagens Chico e Cebolinha de Mauricio de Sousa, pois são significativas na cultura popular e, portanto, desempenham um papel na reprodução sociolinguística, o desafio é usar essas representações de maneira responsável, promovendo a diversidade linguística e a valorização de todas as formas de comunicação verbal e contribuir para um entendimento mais abrangente do fenômeno, com potenciais implicações para a sociedade brasileira.

Este estudo terá embasamento teórico de alguns autores e obras bibliográficas para melhor compreensão da variação linguística e das formas adequadas de analisar as variações linguísticas em tirinhas. Assim, percebe-se que a variação linguística é um fenômeno cultural que persiste em muitas sociedades, desenvolvendo-se em diferentes usos da língua e da linguagem, tendo em vista que diversas línguas e dialetos coexistem e evoluem ao longo do tempo. Cada variante linguística é uma expressão da cultura e da história de uma comunidade linguística.

A metodologia do objeto em estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, visto que a abordagem qualitativa busca entender o "porquê" e o "como" as tirinhas dos personagens Chico e Cebolinha de Mauricio de Sousa trazem a abordagem sociolinguística; a pesquisa é bibliográfica, pois concentra-se-á em alguns teóricos e bases conceituais, que trabalham as análises sociolinguísticas e as variações linguísticas, que embasarão para todo o desenvolvimento do trabalho.

Para apresentação do estudo, o presente trabalho foi estruturado em seções, a saber: a primeira seção - introdutória, apresenta-se a temática, os objetivos do estudo, a justificativa, a hipótese, a contextualização da temática e a indicação da organização do objeto em estudo; a segunda seção, na qual se contextualiza o surgimento da Sociolinguística, o que é variação linguística, os tipos de variação linguística e as tirinhas no ensino da língua portuguesa.

## Capítulo 1 – Contextualização da Língua Portuguesa sobre a Sociolinguística

O surgimento da sociolinguística como campo de estudo ocorre a partir da década de 1960, em um contexto de transformação tanto na linguística quanto nas ciências sociais. Inicialmente, a linguística estruturalista, que dominava os estudos da língua, tratava a linguagem de forma abstrata e descontextualizada, sem levar em consideração as variações linguísticas sociais. Foi nesse cenário que a sociolinguística emergiu, buscando compreender a língua como um fenômeno dinâmico e influenciado por fatores sociais, pelas correntes da variação linguística e pela etnografia da comunicação, o sociólogo e linguista William Labov foi pioneiro ao demonstrar que as variações linguísticas nas cidades não eram aleatórias, mas sim estruturadas por variáveis sociais como classe, gênero e idade. A pesquisa de Labov em Nova York, por exemplo, evidenciou que os falantes de diferentes classes sociais utilizavam variantes linguísticas distintas, o que desafiava as concepções anteriores de que todas as formas de linguagem deveriam ser consideradas igualmente “corretas”. Esse foco na relação entre sociedade e linguagem levou à formulação de conceitos centrais na sociolinguística, como a variação linguística, diglossia, bilinguismo e o papel da língua na construção da identidade social. A sociolinguística, assim, não se limita apenas a descrever como as pessoas falam, mas também investiga como as práticas linguísticas estão imbricadas com as estruturas de poder, identidade e cultura em uma sociedade. Dessa forma, o campo se expandiu ao longo dos anos, incorporando influências de outras áreas, como a sociologia, a antropologia e a psicologia social, e tornou-se essencial para entender as complexas relações entre linguagem e sociedade. A obra de Stella Maris Bortoni-Ricardo destaca a importância de integrar a sociolinguística no ensino da língua materna. A autora critica o preconceito linguístico presente nas escolas, onde a língua padrão é valorizada em detrimento de outras variedades. Bortoni-Ricardo defende a ideia de que a língua é uma prática social, intimamente ligada aos contextos sociais e culturais. A escola, segundo ela, deve ser um espaço inclusivo, onde a diversidade linguística seja respeitada e valorizada.

Bortoni-Ricardo (2014), aprofunda a discussão sobre a variação linguística dentro da sala de aula. A autora defende que a diversidade linguística presente tanto no falar dos professores quanto no dos alunos deve ser valorizada, e não vista como

um erro, propõe que o erro linguístico seja compreendido como uma manifestação de uma variedade linguística diferente, e não como uma falha do falante. O professor, nesse contexto, tem um papel fundamental em promover um ambiente de respeito à diversidade e em ajudar os alunos a desenvolver a capacidade de adequar sua linguagem aos diferentes contextos. A autora introduz o conceito de adequação linguística, mostrando que a escolha das palavras e expressões deve ser feita de acordo com a situação comunicativa. Ao trabalhar a variação linguística e a adequação linguística em sala de aula, o professor contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, um panorama detalhado da diversidade linguística brasileira. A autora demonstra que o português falado em nosso país é um mosaico de variedades, resultado de nossa história complexa e da miscigenação cultural.

A sociolinguista enfatiza que essa diversidade não é um problema, mas uma riqueza que deve ser valorizada. Ela critica a visão tradicional que considera apenas a norma padrão como correta e defende uma visão mais ampla e inclusiva da língua. A escola, segundo a autora, tem um papel fundamental em promover uma educação linguística que valorize essa diversidade, respeitando as diferenças e promovendo a inclusão, a autora sugere atividades práticas para a sala de aula que possibilitem aos alunos tomarem consciência da diversidade linguística e desenvolverem uma atitude crítica e reflexiva em relação à língua que nos conduz por uma jornada pela história e pela diversidade do português brasileiro. A autora demonstra que nossa língua é um mosaico de variedades, moldado por influências indígenas, africanas e europeias, além de transformações sociais e históricas.

Desse modo, percebe-se que a autora tece críticas à visão tradicional que privilegia a norma padrão e defende uma perspectiva mais ampla e inclusiva, reconhecendo e valorizando todas as variedades linguísticas. A autora destaca que o português brasileiro, apesar de suas semelhanças com o português europeu, possui características próprias e uma rica diversidade interna.

A autora vai além do simples domínio da gramática e do vocabulário, e nos mostra que a competência linguística engloba um conjunto de habilidades que permitem ao indivíduo usar a língua de forma eficaz em diferentes situações sociais. E destaca que a competência comunicativa é composta por diversas dimensões, como a capacidade de usar a língua de forma adequada em diferentes contextos

sociais, de construir e interpretar textos, e de adaptar a linguagem às diferentes situações.

Bortoni-Ricardo (2004) demonstra ainda, que nossa língua não é homogênea, mas um mosaico de variedades que se manifestam em diferentes regiões, classes sociais e situações comunicativas. Enfatizando que essa diversidade é um fenômeno natural e rico, e não um erro. A autora critica a visão tradicional que privilegia a norma padrão e defende uma perspectiva mais ampla e inclusiva, reconhecendo e valorizando todas as variedades linguísticas, apresentando diferentes tipos de variação linguística, como a regional, social e situacional, e destaca a importância de a escola valorizar essa diversidade, promovendo uma educação linguística que respeite e valorize todas as formas de falar.

A linguística transformou-se como uma ciência que por meio dos estudos de Ferdinand de Saussure, especialmente do seu livro “*Curso de Linguística Geral*”, tornando-se como uma peça indispensável para o estudo da linguagem. A linguística de Saussure enfatiza que a língua se forma através do contexto social da linguagem e a fala é estruturada pelo contexto individual.

Porém, a limitação da conceituação apresentada por Saussure, pode ser vista sob a ótica de uma crítica às abordagens mais estruturais e formalistas da linguagem, que tendem a se distanciar das variabilidades sociais, culturais e contextuais da fala. Embora Saussure tenha sido fundamental para a compreensão da linguagem como um sistema de signos, sua análise focada no caráter formal e na estrutura do fenômeno linguístico pode ser considerada limitada quando se tenta entender a diversidade da língua na sua dimensão sociocultural.

Bortoni-Ricardo (2005) destaca que o estudo da sociolinguística contribui para estudar e compreender a realidade linguísticas dos indivíduos, destacando que este estudo traz três princípios básicos que é o relativismo cultural, a heterogeneidade da língua e a mudança linguística.

Nesses tempos em que se firmavam as raízes da Sociolinguística, essa ciência voltou-se prioritariamente para a descrição da variação e dos fenômenos em processo de mudança, inerentes à língua, expandindo depois para outras dimensões da linguagem humana (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 13).

A autora traz a preocupação da sociolinguística como parte do processo da comunicação verbal humana, demonstrando que a linguagem é constituída como uma

ferramenta de poder utilizada na sociedade por influência do controle social, de maneira que a língua é reconhecida como um conjunto de variantes, que todo sujeito tem seu modo de falar e que é livre em expressar-se por meio de sua própria variante. Em consonância a isso, Bagno (2007) destaca que a língua está estreitamente relacionada com a sociedade, enfatizando que:

O objetivo central da sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra (Bagno, 2007, p. 38).

Assim, percebe-se que a sociolinguística busca compreender a língua por meio de um fenômeno social, ou seja, as ações e situações sociais dos falantes. Desse modo, tem-se em mente que a sociolinguística estuda a relação da língua com a sociedade.

A Sociolinguística é uma ciência que nasceu preocupada com o desempenho escolar de crianças oriundas de grupos sociais ou étnicos de menor poder econômico e cultura predominantemente oral. Seu desenvolvimento foi pautado por dois princípios: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística inerente e sistemática (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 157).

Bortoni-Ricardo (2005, p. 20), destaca ainda que a sociolinguística parte desta teoria da variação que envolve todas as “diversidades nos repertórios Linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão-somente aos aspectos formais da língua”.

A partir disso, é perceptível que a história do ser humano está estreitamente relacionada à linguagem e propriamente a sociedade, assim como, Alkimin (2008) destaca que a linguagem se constitui como parte do ser humano e é indissociável do fator social. Dessa maneira, tem-se em mente que a linguagem não é somente um meio de comunicação, mas transforma-se como um instrumento que molda a cultura, a identidade e, principalmente as interações sociais. Alkimin busca intensificar a ideia de que a linguagem está entrelaçada com a sociedade e que ela não existe de forma isolada, mas que está em constante interação social.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Alkmin, 2008, p.25).

Pondo em ênfase a substância da língua, o autor pretende despertar a percepção de que os fenômenos linguísticos estão associados aos acontecimentos sociais, visto que, esse autor trabalha a relação entre a linguagem e a sociedade. Uma vez que, é por meio da língua que o sujeito e a própria sociedade se constituem de forma mútua, pois é através da língua que o ser humano desenvolve suas relações com outros sujeitos.

A questão sociolinguística fundamental é suscitada pela necessidade de entender por que alguém diz alguma coisa. Há questões metodológicas de amostragem e gravação que simplesmente põem em cena os problemas básicos. Bons dados exigem boa gravação, especialmente para a análise gramatical da fala natural. Uma vez definidas e isoladas as variáveis importantes, muito se pode fazer com anotações manuscritas (Labov, p. 242-243).

É importante destacar que os estudos da sociolinguística se iniciaram devido à relevância da fala, porque o objeto de estudo dela é justamente a análise de como a língua funciona em diferentes contextos da fala, fundamentando-se como uma forma para que identifique as influências com o decorrer da mudança linguística. Acrescenta-se ainda que, a sociolinguística surge através de uma perspectiva interdisciplinar, porque procura dialogar com outras disciplinas.

A terminologia da sociolinguística é trabalhada, em parte por Salomão (2011, p. 50), que por sua vez, destaca que ela é uma “ciência que estuda a língua na perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina”. Nesse sentido, a sociolinguística trabalha a interação social por meio da língua. E, de modo geral, estuda a maneira sistemática das múltiplas maneiras pelas quais a língua se constitui, coletando dados das suas variedades linguísticas. Assim, ela busca entender os processos de transformações que acontecem na estrutura da língua ao mesmo tempo que trabalha os processos de variações linguísticas.

A opção histórica, como seu nome indica, concentra sua atenção no caráter histórico dos fenômenos linguísticos. Nessa perspectiva, a questão da variação linguística, no tempo e no espaço, passa a ser o objeto de estudos. Isso significa, entre outras coisas, que se abandona a ideia de que a tarefa da linguística é identificar uma essência da língua, mas se reconhece que as línguas, como todo fenômeno humano e social, mudam historicamente e que, portanto, a tarefa de quem quer que seja no estudo objetivo da linguagem é descrever mudanças e descobrir as leis subjacentes a elas (Cabral, 2014, p. 88).

A língua muda com o decorrer do tempo, mas num processo sistemático. A linguística é influenciada também pelos fatores sociais, culturais e linguísticos; tendo em vista que estas transformações podem ser observadas por meio das dimensões morfológicas, fonéticas, semânticas e sintáticas. Desse modo, a sociolinguística busca, de forma significativa, compreender esses processos, demonstrando que a linguagem reflete as interações sociais.

Em consonância a isso, Bright (1966 *apud* Alkmin, 2008) ressalta que a sociolinguística tem como objeto de análise a própria diversidade linguística, uma vez que, está estreitamente relacionada com a identidade e o contexto social dos falantes, tendo em vista que ela busca refletir a classe social e étnica por meio da fala da pessoa. De modo especial, a sociolinguística liga a linguagem aos aspectos de natureza tanto social quanto cultural, pois ela estuda a língua falada e todas situações reais ao seu redor.

A sociolinguística busca entender a comunidade linguística. De acordo com Alkmin (2008), a comunidade linguística constitui-se como o conjunto de pessoas que se relacionam de forma verbal e que partilham as normas dos usos linguísticos. Desse modo, os sujeitos não se comunicam de uma forma única e particular, mas por meio de diversas redes comunicativas que compreendem o modo de falar diante de um conjunto de regras específicas. Os estudos sociolinguísticos permeiam-se por aspectos semânticos, que muitas vezes são desconhecidos na própria linguística estrutural e gerativista.

É sabido que a semântica de línguas naturais tem a ver com algo mais do que o simples significado de palavras. Cabe-lhe também uma análise das relações entre as unidades e não convém que descuide o contexto maior de seu funcionamento nas sentenças dentro de uma situação definida por aspectos pragmáticos ou extralingüísticos. Isso determina que uma sentença seja mais do que o produto da soma de suas partes. (Marcuschi, 2007, p. 16 -17)

Embora a Sociolinguística busque estudar a língua falada, infelizmente ainda existe muito preconceito em relação ao modo como as pessoas falam, tendo em vista que a língua falada torna-se como uma característica da comunidade linguística e que faz parte das várias formas que a língua construiu com o passar do tempo, uma vez que, a variação linguística é parte da cultura de uma sociedade e do ambiente no qual ela é falada.

A sociolinguística, na tentativa de compreender a questão da relação entre linguagem e sociedade, postula o princípio da diversidade linguística. Além disso, a sociolinguística na corrente das orientações teóricas contextuais sobre o fenômeno linguístico, orientações teóricas estas que consideram as comunidades linguísticas não somente sob o ângulo das regras de linguagem, mas também sob o ângulo das relações de poder que se manifestam pela linguagem (Borin, 2010, p. 7 - 8).

O autor salienta que a sociolinguística procura entender a relação entre a linguagem e a sociedade, destacando a diversidade linguística presente nesse processo. Além disso, o contexto destas relações pode ser encontrado pela própria linguagem nas comunidades linguísticas. A linguagem é conhecida não somente como uma maneira de se comunicar, mas como ferramenta de poder e identidade da própria sociedade.

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (Cezario; Votre, 2011, p.141)

Na verdade, a comunicação representa uma peça fundamental para a convivência dos sujeitos, e a língua ocupa a parte central desta relação. Cada indivíduo tem suas características linguísticas, trazendo consigo valores sociais e culturais herdados com o passar do tempo, que foram cultivados pelas suas experiências particulares. Por essa razão, a língua está constantemente se conectando às mudanças sociais, porque é reflexo das mudanças na sociedade. É através da língua que os sujeitos constroem suas identidades, valores e edificam seus

laços na sociedade, tendo em vista que a língua é uma ferramenta indispensável para a construção da memória coletiva de um sujeito.

A língua é o meio pelo qual o homem expressa suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim, ela não deixa de ser um retrato de seu tempo. Cada falante é usuário e agente modificador de seu idioma, imprimindo nele marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Nesse sentido, podemos destacar que a língua é instrumento privilegiado da projeção da cultura de um povo (Borin, 2010, p. 7).

Partindo dessa análise, é importante percebermos que as variações do modo de falar do ser humano estão estritamente relacionadas às diversas situações que cada um passa na sociedade, permitindo o desenvolvimento das diversas manifestações linguísticas, visto que, cada falante tem suas experiências e especificidades.

O sociolinguista, por sua vez, se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um dos seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro no qual se apresenta a variável. A variação, portanto, não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralingüísticos de vários tipos (BORIN, 2010, p. 8).

É evidente que a sociolinguística se constitui de extrema importância para entender o fenômeno linguístico, visto que a língua poderá variar de tempo em tempo, assim como, apresentar significados distintos dependendo do espaço que esteja inserida, além de apresentar-se como reflexo das transformações sociais e culturais que acontecem no decorrer do tempo. Assim, o objeto da sociolinguística é basicamente compreender esta diversidade linguística. Para entender este estudo linguístico é preciso aprender sobre os quatro conjuntos de fatores que estão estritamente relacionados à diversidade linguística, que são “identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, o conteúdo social e o julgamento social distinto” (Borin, 2010, p. 11).

Em suma, o estudo da comunidade linguística é marcado por transformações que a língua sofre por meio da fala, resultando num processo de variação linguística. É importante ressaltar que as variações linguísticas estão estritamente entrelaçadas

na língua, porque ela se adapta e se transforma para alcançar as características linguísticas de cada grupo social. Portanto, a sociolinguística permite com que se possa entender como a língua participa das relações sociais, da comunicação e das próprias relações interpessoais. Enfim, a sociolinguística é o ramo da linguística que busca compreender e interpretar as relações entre a linguagem e a sociedade, as formas da língua falada e suas variantes linguísticas.

### **1.1 O que é variação linguística?**

A língua é compreendida por si e para si mesma, isto é, seu estudo é constituído de forma imanente. A fala traz aspectos extralingüísticos que se concentram na linguagem, sendo que a língua é autônoma e diversa, e é compartilhada socialmente por meio das relações dos falantes.

A língua é um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade, sua existência decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Daí seu caráter social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua. Diferentemente, a fala constitui o uso individual do sistema que caracteriza a língua. Trata-se, portanto, da utilização prática e concreta de um código de língua por um determinado falante num momento preciso de comunicação. Em outras palavras, é a maneira pessoal de atualizar o código. Daí seu caráter individual (Costa, 2008, p. 116).

Saussure propôs essa distinção para entender como a linguagem funciona, pois ela é, ao mesmo tempo, um fenômeno social (a língua) e um fenômeno individual (a fala). Ainda mais, o autor destacou que, enquanto a língua é relativamente estável e regula as formas e estruturas da comunicação, a fala é dinâmica e pode variar de acordo com o contexto e o sujeito que a utiliza.

É na língua que a comunicação é estabelecida pelo falante, sendo que a fala é uma forma de expressão e traz signos linguísticos. Uma vez que, a língua é inerente ao sujeito desde o nascimento, torna-se como parte dos processos sociais. A língua tem suas particularidades e variantes, que vão se constituir dependendo do contexto histórico e social.

As variantes de uma comunidade de fala “encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas”. Na verdade, a variante padrão é aquela que “ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade”. Logo, as variantes inovadoras constituem-se por aquelas que “são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade” (Tarallo, 2002, p. 12).

O autor nos propicia a reflexão de que as variantes apresentam características próprias e têm um padrão da comunidade dos seus falantes. Assim, a comunidade linguística destaca que há uma palavra que pode designar outras mais, que podemos reconhecê-la como variante. As variantes se conectam entre si por meio da língua falada, que entrelaçam valores, culturas e identidades.

É necessário compreender que nem tudo o que varia sofre alguma alteração, porém, toda mudança linguística tem uma variação. A partir disso, percebe-se que a variação “não implica mudança; mudança, sim, indica sempre variação. Mudança é variação!”, tendo em vista que os resultados das análises das variantes apresentam “duas direções distintas: 1. A estabilidade das adversárias; 2. A mudança em progresso (que reflete uma situação de duelo de morte entre as variantes)” (Tarallo, 2002, p. 63).

É por meio da dinâmica da língua que está estritamente relacionada à sociedade que surgem as transformações, não somente num país, mas em várias regiões e ao modo que a forma de falar de uma pessoa para outra, despertando o sentido de uma palavra de várias maneiras.

A mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de ‘osga’ na região norte, ‘briba’ ou ‘vibora’ no Nordeste, e ‘lagartixa’ no centro-sul (Calvet, 2002, p. 89).

A variação linguística faz parte da língua, influenciando as palavras, o modo de falar, os vocábulos, as características do sentido das palavras e até mesmo o modo de pronúncia. Assim, percebe-se que para que “uma língua entre outras se imponha como a língua legítima é preciso um mercado linguístico unificado, no qual o valor das diversas outras línguas e dos dialetos (sociais ou regionais) seja medido em comparação à língua dominante” (Calvet, 2002 p.107).

A variação linguística constitui-se como uma abordagem natural e que está estreitamente relacionada à língua. A variação linguística poderá ser classificada por dois princípios: as variantes diatópicas que estão relacionadas às variações regionais e às variações diastráticas que estão voltadas para as variações sociais.

A variação diatópica ou geográfica constitui-se por aquela que “relaciona-se a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas, ou seja, são as responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais”. Ainda mais, é possível mencionar que as variantes geográfica “conduzem à oposição entre linguagem urbana e linguagem rural. Ex. Brasileiros e Portugueses; Cariocas, Gaúchos e Baianos” (Borin, 2010, p. 14).

O autor nos proporciona a reflexão de que essa variação está estreitamente relacionada aos acontecimentos do espaço da fala, porque algumas palavras e expressões são moldados pela língua de um determinado espaço. Assim, a variação social está voltada para os aspectos sociais que a constituem como parte da própria identidade dos falantes. De acordo Borin (2010, p. 14):

Classe social – a classe social a que pertence o indivíduo exerce fortes influências na sua maneira de falar. É bastante fácil apontar exemplos de variantes linguísticas usadas preferencialmente numa determinada classe e isso pode ser objeto de estudo empírico. Um médico e o porteiro do seu prédio possuem falares diferentes. Como em qualquer outro domínio social, também na sala de aula encontramos grande variação no uso da língua. Essa variação pode se dar na fala entre colegas e mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal (Borin, 2010, p. 14).

Embora, a fala tenha alteração na variação de acordo a classe social que o sujeito esteja inserido na sociedade, consideramos importante salientar que a escolaridade também influencia no modo de falar, porque quando o indivíduo estuda, ele tem mais oportunidade de conhecer e pôr em prática a norma padrão da língua, mesmo que tenha indícios de variação linguística.

Então, Borin (2010, p. 14) apresenta o elemento idade também, destacando que a variação também é condicionada pela idade, pois a “variação de linguagem ligada à idade pode ser facilmente observada no seio das famílias. Os avós falam diferentes dos filhos e dos netos”, tendo em vista que o uso de léxico é constituído

como particular, porque em “certas gírias (“maneiro”, com sentido de uma avaliação positiva) denota uma faixa etária mais jovem”.

Considerando que a idade tem influenciado no desenvolvimento da pronúncia e no próprio significado das palavras, porque algumas palavras utilizadas pelos mais velhos deixaram de existir e que atualmente podem existir outro significado. Morin (2010, p. 15) também cita a questão do sexo como um dos fatores que pode influenciar na alteração da língua, porque “mulheres e homens não falam de maneira igual. Além das diferenças observáveis no tom de voz, no ritmo, podemos perceber, também, que há preferência por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos, pela omissão de outro”. Ainda mais, tem-se em mente que homens e mulheres são “socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera dos mesmos que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete o fato social” (Morin, 2010, p. 15).

É perceptível que existe uma diferença no modo de falar entre o gênero feminino e masculino, que pode ser observado tanto no vocabulário e pronúncia quanto na questão da entonação nas palavras. Borin (2010, p. 15) ressalta ainda a questão do contexto social como um dos elementos da mudança da língua, destacando que “qualquer pessoa altera a sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor(es) – se este é mais velho ou hierarquicamente superior, ou ainda, segundo o lugar em que se encontra: um bar ou uma conferência”. Ainda mais, é possível perceber que “todo falante varia sua fala segundo a situação em que se encontra”, tendo em vista que uma determinada situação é definida por meio de uma “concorrência de dois (ou mais) interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, num contexto determinado” (Borin, 2010, p. 15).

Em suma, a variação depende do contexto social no qual o falante está inserido. Assim, percebe-se que a variação possibilita que haja maior flexibilidade e contextualização da língua, proporcionando aos falantes escolher o sentido da fala a partir da variação linguística.

São as variações linguísticas relacionadas ao contexto, ocorrem quando os falantes diversificam sua fala, usam estilos ou registros distintos, em função das circunstâncias em que ocorrem suas

interações verbais. Os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente. A seleção de formas envolve, naturalmente, um grau maior ou menor de reflexão por parte do falante: o uso do estilo formal, em relação ao informal requer uma atuação mais consciente (Borin, 2010, p. 16).

Portanto, a língua é construída de acordo com o passar do tempo, variando quanto ao tempo e ao espaço. De modo que, a linguagem muda e transforma-se constantemente. Vale ressaltar, que é indispensável compreender que a variação é parte do processo da história e das relações sociais dos falantes em relação à própria linguagem, tendo em vista que é preciso que haja maior respeito às variantes linguísticas, podendo reconhecer os valores reais e a própria complexidade da língua em múltiplas manifestações.

## 1.2 Tipos de variação linguística

A língua é utilizada pelos falantes para expressar suas identidades, valores sociais, suas influências históricas e geográficas, que são fatores determinantes para que haja variações. A transformação dos processos linguísticos contribui para que haja maior número de dialetos e formas de falar disseminados pelo Brasil. A partir disso, pode-se destacar que as variações se dividem em quatro tipos, a saber: a) variação histórica ou diacrônica; b) variação geográfica ou diatópica; c) variação sociocultural ou diastrática e d) variação estilística ou diafásica.

A variação histórica ou diacrônica constitui-se como aquela que é instituída com o decorrer do tempo, que pode ser compreendida por meio de gerações e gerações da fala. Essa variação tem como objetivo identificar como a língua se constitui com o decorrer da história, caracterizando a constância e as mudanças da língua. De modo geral, a variação histórica ou diacrônica tem como princípio a gramaticalização, isto é, o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais (Ilari; Basso, 2009, p. 153).

No que concerne à variação geográfica ou diatópica, podemos compreender que ela se constitui como parte do contexto geográfico, fundamentando-se pelos dialetos que estão presentes em um determinado país e suas regiões.

O domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros de uma comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o contato entre os falantes de uma comunidade, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais. Dessa tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma mesma comunidade resulta a variação geográfica (Camacho, 2004, p. 40).

Essa variação está associada as diferentes linguagens dos falantes em diferentes regiões, tornando-se marcada pela diversidade da pronúncia, entonação e, principalmente o próprio vocabulário. Uma vez que, cada região e lugar tem o modo próprio de falar, demonstrando suas variantes que tem particularidades do espaço geográfico.

A variação sociocultural ou diastrática refere-se pela forma de falar dos sujeitos que fazem parte de diferentes estratos sociais. Assim, podemos compreender que “a variação sociocultural deriva da tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos indivíduos participantes de um mesmo setor socioeconômico e cultural” (Camacho, 2004, p. 40).

Convém anuir com o que Ilari e Basso (2009) enfatiza quanto à variação diastrática, que pode ser estruturada por meio dos fenômenos morfológicos, sintáticos e fonéticos:

FONÉTICA	MORFOLOGIA	SINTAXE
Queda ou nasalização da vogal átona inicial: incelença por excelência.	Perda do –s da desinência da primeira pessoa plural: nós cantamo, nós cantemo por nós cantamos.	Uso de uma marca de plural nos sintagmas nominais complexos e ausência de marca de concordância na 3a. pessoa do plural do verbo, particularmente com sujeito posposto (os doce mais bonito são/ é para as vista. Quando chegou os bombeiro já não tinha mais nada pra fazer).
Queda de material fonético posterior à vogal tônica: figo	Anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que	Negação redundante com indefinidos negativos (ninguém não sabia).

por fígado, Ciço por Cícero, centímo por centímetro.	já são comparativos: mais mió em vez de melhor.	
Perda da distinção entre vogal e ditongo antes de palatal: pexe por peixe.		Aparecimento de um segundo advérbio de negação anteposto: não vem não ou vem não.
Monotongação de ditongos crescentes em posição final: sustância por substância.		A oração relativa adota as construções conhecidas como cortadora ou copiadora: a casa que eu morei ou a casa que eu morei nela (em vez da construção padrão a casa em que morei).
		Uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto: eu o vi, a mulher xingou eu.

Fonte: Ilari e Basso (2009, p. 176)

Essa variação faz parte do nosso dia a dia, visto que, são diálogos que se fazem presentes nos momentos em famílias e amigos. A partir disso, percebe-se que as transformações gramaticais no desenvolvimento da comunicação são constituídas sob influência do modo como a fala é mantida pelos sujeitos.

A variação estilística ou diafásica é estruturada pela adaptação linguística que se constitui pelos processos de comunicação, tendo em vista que a comunicação é instituída como parte fundamental da fala, mas que também modifica-se dependendo do estilo formal ou informal, sendo que um exige mais formalidade e o outro menos.

As variedades estilísticas resultam da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão sobre as formas que constituem a competência comunicativa do sujeito falante. O grau de reflexão é proporcional ao grau de formalidade da situação interacional: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação formal (Camacho, 2004, p. 42).

Quanto à variação estilística destaca-se que o falante da língua está estreitamente relacionado aos valores socioculturais da sociedade na qual o sujeito está inserido, sendo que essas variantes manifestam “marca de plural em todos os constituintes, são variantes reconhecidas como detentoras de prestígio social entre os membros da comunidade” (Camacho, 2004, p.42). Pode-se afirmar que é por meio dessa variante que os falantes constroem seus discursos de acordo com as situações comunicativas.

Assim, o indivíduo necessita ter, interiorizadas em sua competência linguística, as formas alternativas da variedade-padrão, ou de prestígio, e da variedade não-padrão, que pode ser também estigmatizada, sobre as quais ele pode operar a seleção conforme variam as circunstâncias de interação. (Camacho, 2004, p. 42)

Portanto, a fala expõe uma vasta diversidade linguística, ao modo que, os indivíduos entrem em contato com situações comunicativas que lhes promovem inserirem-se em contextos de falar distintos e que ajudam a compartilhar suas experiências por meio das relações sociais. É no discurso da fala que o sujeito (re)constrói suas identidades, enriquece vocabulários e amplia o repertório linguístico.

Vale mencionar que, a BNCC contempla a diversidade linguística, levando em consideração que não somente o português formal, que é o culto, mas também as variedades de português que circulam ao redor do mundo, tendo em vista que a BNCC traz a Língua Portuguesa não como homogênea e reconhece o quanto é importante trabalhar as diferentes variações linguísticas, seja na perspectiva regional, social e etário.

### **1.3 As tirinhas na Língua Portuguesa**

As tirinhas se constituem como uma ferramenta significativa para o ensino da língua portuguesa, pois nesse hipergênero há o humor que desperta a atenção do leitor com mais facilidade, permitindo que o professor possa utilizá-la em sala de aula para trabalhar a aprendizagem dos alunos.

O hipergênero quadrinhos (ou histórias em quadrinhos, forma equivalente) seria algo como um grande guarda-chuva que abrigaria os variados gêneros autônomos das histórias em quadrinhos. Todos

seriam distintos uns dos outros, mas teriam em comum a linguagem quadrinizada, os códigos verbo-visuais, a tendência de sequência narrativa, bem como a presença de representação de fala e dos elementos narrativos (RAMOS, 2017, p. 63).

Nesse aspecto, percebe-se que ler tirinhas é “ler também sua linguagem. E dando sequência à frase, é ler ainda as informações explícitas e implícitas do texto, estratégias necessárias para a produção do sentido” (Ramos, 2017, p. 105). De fato, as tirinhas promovem uma leitura mais autônoma, interativa e dinâmica, proporcionando a cada leitor a possibilidade de desenvolver seus conhecimentos de mundo, tornando-os leitores críticos e permitindo que cada um interprete o texto de forma independente. Vergueiro (2007, p. 25) destaca o quanto é importante utilizar as tirinhas nas aulas, permitindo uma maior interação e troca de conhecimento, principalmente, porque os quadrinhos “auxiliam no desenvolvimento do gosto pela leitura, enriquecem o vocabulário dos estudantes, obrigam o leitor a pensar e imaginar”.

As tirinhas constituem-se como um gênero de extrema importância para ser trabalhado em sala de aula, pois além de trabalhar o entretenimento abordam as habilidades da leitura, de interpretação, de análise linguística, de compreensão textual e de escrita. Além disso, as tirinhas permitem com que se desenvolvam as relações do texto e seus diversos significados, propiciando interpretações e construções de opiniões críticas. Assim, é importante que o professor de língua portuguesa proporcione o contato dos alunos com as tirinhas, de modo a desenvolver o letramento linguístico e crítico em sala de aula.

Trazer para o espaço escolar uma diversidade de gêneros textuais em que ocorra uma combinação de recursos semióticos significa, portanto, promover o desenvolvimento neuropsicológico de nossos aprendizes. Isso se justifica se considerarmos os princípios de que um texto é um “evento construído numa orientação multissistemas (Marcuschi, 2008, p. 80).

Consideramos relevante ressaltar que o uso de tirinhas no ensino da língua portuguesa ajudará no desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa e de qualidade, porque os textos das tirinhas têm uma abordagem única, que é a articulação dos elementos verbais e não verbais, tornando-se como uma ferramenta indispensável para a abordagem didática e educacional do professor.

Nesse sentido, as tirinhas se constituem como um gênero que tem contribuído para o ensino da língua portuguesa e na construção de alunos mais autênticos e independente. As tirinhas permitem que os alunos interajam com as situações do uso da língua, tendo em vista que os textos das tirinhas ajudam o professor a mediar a própria leitura dos educandos, dando sentido e significado as palavras dentro do texto, viabilizando os valores da língua e da linguística.

A leitura, sendo também produção de sentidos, opera com condição básica com próprio texto que se oferece à leitura, à interlocução; neste sentido são as pistas oferecidas pelo texto que levam a acionar o que lhe é externo (por exemplo, outros textos lidos anteriormente). Do ponto de vista pedagógico, não se trata de ter no horizonte a leitura do professor ou a leitura historicamente privilegiada como parâmetro da ação; importa, diante de uma leitura do aluno, recuperar sua caminhada interpretativa, ou seja, que pistas do texto o fizeram a acionar outros conhecimentos para que ele produzisse o sentido que produziu; é na recuperação desta caminhada que cabe ao professor mostrar que alguns dos mecanismos acionados pelo aluno podem ser irrelevantes para o texto que se lê, e, portanto a sua “inadequada leitura” é consequência desse processo e não porque não se coaduna com a leitura desejada pelo professor (Geraldi, 2003, p. 188).

Com base nisso, percebe-se que, no ensino da língua portuguesa, as tirinhas possibilitarão que o aluno aprenda não apenas a gramática e as variedades linguísticas, mas que reflita acerca de tudo o que está escrito e exposto no quadrinho, ou seja, compreenda o texto na sua plenitude, analisando os elementos verbais e não verbais do texto.

O ensino de textos precisa englobar aspectos variados, como o suporte onde ele circula, o gênero textual a que pertence, a tipologia textual predominante, considerando os elementos verbais e não verbais constituintes desse texto. O objetivo principal dessa abordagem é a formação de leitores e produtores críticos, com conhecimentos linguísticos suficientes para serem cidadãos, leitores do mundo. (Santos; Riche; Teixeira, 2018, p. 25)

O ensino do gênero tirinha em sala de aula promoverá o despertar da criticidade dos alunos, que serão capazes de interferir no meio social e na realidade. Convém anuir que as tirinhas têm relevância fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, contribuindo para o maior envolvimento dos alunos, propiciando uma aula mais didática, lúdica, interativa e proativa.

Nessa direção, a escolha do gênero histórias em quadrinhos como objeto de ensino, no âmbito do ensino de língua portuguesa, deve ser motivada pelas contribuições que esse gênero traz para o aperfeiçoamento das habilidades de leitura e de escrita, para a aquisição dos multiletramentos, pois conjuga linguagem verbal e linguagem não verbal, o que propicia o contato com a multissemiose. A constituição dos quadrinhos se dá por meio de textos multimodais (modalidades faladas, escrita, visual-imagética) e multissemióticos (conjulação de imagens, palavras, sons, cores, representação de movimentos, etc.), o que acaba por exigir habilidades linguísticas e discursivas diferenciadas. (Ferreira; Ragi; Leandro, 2019, p. 252)

Portanto, acedemos que a utilização das tirinhas no ensino da língua portuguesa proporcionará o desenvolvimento da formação do aluno, contribuindo integralmente na aprendizagem, transmitindo conhecimentos linguísticos e da língua de forma dinâmica. Sobretudo, as tirinhas permitirão que o professor trabalhe diversos conteúdos por meio desse gênero, contribuindo significativamente na construção do leitor crítico que saiba posicionar-se em relação aos conteúdos abordados em sala de aula, refletindo e reconstruindo seus modos de aprender.

## Capítulo 2 - Metodologia e Análise dos Dados

### 2.1 A metodologia

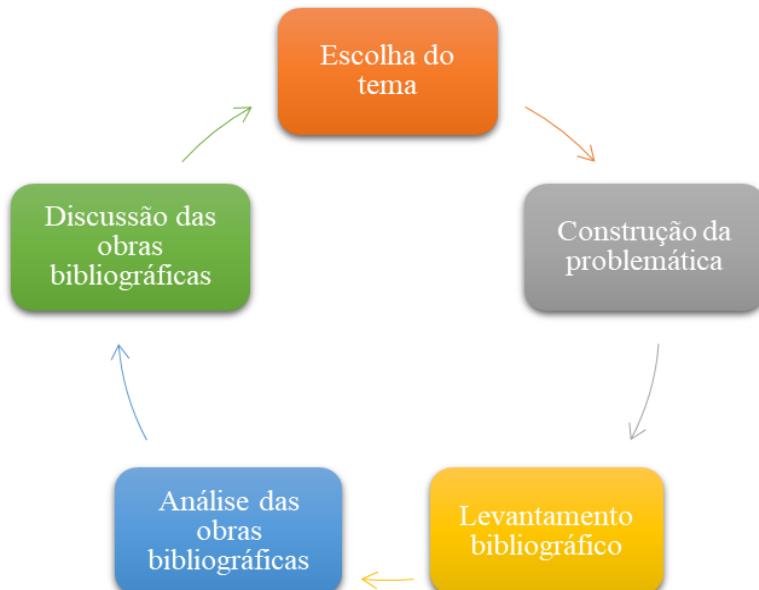
A metodologia presente no estudo apresenta a perspectiva de uma análise bibliográfica e a análise das tirinhas dos personagens Chico Bento e Cebolinha de Maurício de Sousa. De acordo Gil (2010, p. 44), a pesquisa bibliográfica constitui-se com “base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Em relação ao tipo de estudo, a pesquisa baseia-se na abordagem qualitativa, sendo que segundo Carvalho (2012), a pesquisa qualitativa tem como principais características:

O ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo; os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos; as abstrações formam-se ou se consolidam basicamente a partir de inspeção dos dados num processo de baixo para cima (CARVALHO, 2011, p. 24).

Logo, quanto aos objetivos trata-se de uma pesquisa descritiva, sendo que de acordo com Gil (2010, p.42), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Gil (2010, p. 42) acrescenta ainda que as pesquisas descritivas trabalham a “identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação”, além de buscar traçar objetivos que ajuda no desenvolvimento de uma nova visão do problema a ser estudado.

Nesse contexto, as categorias de análises foram constituídas através da relação entre as teorias que orientou o estudo juntamente com os dados coletados das tirinhas de Mauricio de Sousa de maneira interpretativa e reflexiva através da visão da pesquisadora. Partindo desse pressuposto, percebemos que a referida pesquisa terá uma base analítica, interpretativa e teórica, buscando ressaltar todos os aspectos do objeto em estudo para que o fenômeno investigado possa ser compreendido melhor e com precisão, como também, realizando uma análise de

determinada teoria frente à temática. A partir disso, pode-se observar o fluxograma abaixo para compreender a esquematização do estudo em análise:



Fonte: Elaboração própria

As técnicas de pesquisa serão direcionadas por obras bibliográficas, trazendo perspectivas de autores que explanam a respeito da sociolinguística presente no modo de falar dos personagens Chico Bento e Cebolinha de Maurício de Sousa. Ao modo que, a organização das ideias constituirá por meio de esquemas das teorias e conceitos da temática. Os instrumentos de análise de dados constituirão pela análise das tirinhas de Chico Bento e Cebolinha, de Maurício de Sousa, apresentando o modo de falar, as variações linguísticas e a sociolinguística.

## 2.2 O corpus da pesquisa

O corpus da pesquisa será composto por 6 tirinhas de Maurício de Sousa, selecionadas de modo aleatório, a fim de que se alcançasse os objetivos de modo ético sem nenhum tipo de manipulação para tal.

## 2.3 Análise dos Dados

As tirinhas de Maurício de Sousa estão atualmente dentre as mais conhecidas no Brasil. Visto que, ele é uma figura marcante da cultura brasileira, que traz

personagens reconhecidos e amados pelos brasileiros, especialmente, o Chico Bento (tem uma fala mais caipira, sotaque típico do interior e a troca dos dígrafos, ou seja, a troca do lh por i, como milho por mio) e o Cebolinha (tem um modo de falar peculiar, pois ele troca o r por l). Os falares de Chico Bento e Cebolinha suscitam realidades diferentes, a mistura do campo com a cidade, as formas de falar diferenciadas e personagens com suas próprias personalidades.

A partir disso, percebe-se que Chico Bento apresenta uma adaptação fonética da língua portuguesa e o próprio dialeto caipira como uma das suas características marcantes. Outro ponto a se considerar é que a forma de falar de Chico Bento não apresenta diferença entre o singular e o plural, porque no dialeto caipira não se pronuncia o plural das palavras, como por exemplo, casa, eles não falam “as casas”, mas sim “as casa”, tornando-se como uma simplificação da linguagem. Visto que, o caipirê na fala de Chico Bento não é somente uma maneira de falar, mas é uma representação da linguagem do interior, principalmente das áreas rurais, que têm suas próprias características fonéticas, têm uma forma natural e espontânea de falar. É importante ressaltar que a fala caipira do Chico Bento busca apresentar a verdadeira forma de expressão do campo com toque de humor.

A imagem do caipira costuma ser associada ao seu modo de falar, caracterizado, principalmente pelo erre retroflexo, pela queda do erre em fins de palavra (começá por começa; querê por querer), pela queda do /ele/ em fins de palavra (ou sua pronúncia com erre retroflexo) e pela pronúncia como erre retroflexo do ele em fins de sílaba (animar ou animá por animal). (ILARI. 2006, p. 163)

Na verdade, a representatividade de Chico Bento, como menino do campo, que trabalha na roça, com traços verbais e não verbais, apresenta traços da especificidade da sua personalidade. Assim, a linguagem e o modo de falar demonstra a cultura e a história local. É perceptível a presença da variação linguística, por meio, da fala do personagem Chico Bento, sendo que Camacho (2001) destaca os elementos que poderão causar a variação linguística:

Toda língua comporta variantes: (i) em função da identidade social do emissor; (ii) em função da identidade social do receptor (iii) em função das produções sociais de produção discursiva. Em função do primeiro fator, pertencem as variantes que se podem denominar dialetais em sentido amplo: variantes geográficas e socioculturais. Em função do segundo e terceiro fatores, pertencem as variantes de registro ou

estilísticas. Referem-se ao grau de formalidade da situação e ao ajustamento do emissor à identidade social do receptor (Camacho, 2011, p. 58).

Desse modo, a variante faz parte da fala do indivíduo e do grupo social ao qual ele pertence. Uma vez que, a variante “é resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão do falante sobre as formas que seleciona para compor seu enunciado” (Camacho, 2001, p. 60).

Convém anuir que as particularidades do sistema fonológico de uma língua perpassam pelas marcas da identidade dos falantes, das suas realidades sociais e culturais. De acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p. 28), não é apenas na “relação entre línguas oficiais de dois ou mais países que se pode observar o papel de símbolo identitário de um código linguístico”. Mas, principalmente pelo “âmbito de uma mesma língua, é perceptível que os usos linguísticos são um instrumento que os falantes empregam para marcar sua identidade, especialmente sua origem geográfica” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 28). Esse conceito, pode ser observado na tirinha de Chico Bento com outro personagem, a seguir:

Imagen 1: Chico Bento e o Violão





Figura 5 – Quadrinho do Chico Bento

Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2015/07/tirinha-n-28-chico-bento.html>

A partir dessa análise, percebe-se que existe uma variação linguística na tirinha de Chico Bento, que é a variação social (diastrática), ou seja, utiliza a palavra cantá em vez de cantar, impricô em vez implicou, num gostô em vez de não gostou, im riba em vez de em cima; essas variações são resultantes de uma linguagem do interior e caipirêns, tendo em vista que Chico Bento de forma natural deve ter adquirido este modo de falar dos seus pais que falavam deste jeito. Essa abordagem é importante, porque as variações linguísticas partem desta reprodução do modo de falar das pessoas e da realidade local.

Chico Bento pode se transformar, em nossas salas de aula, em um símbolo do multiculturalismo que ali deve ser cultivado. Suas histórias são também ótimo recurso para despertarmos em nossos alunos a consciência da diversidade Sociolinguística”, fazendo com que o aluno adote uma postura respeitosa para com a variação linguística e a pluralidade cultural do Brasil (BORTONIRICARDO,2004, p. 46).

A partir da imagem 1, podemos perceber que Chico Bento traz os traços de uma linguagem característica do homem do campo, vocabulário restrito, agrupa algumas letras e palavras, e apesar de não conseguir fazer a concordância entre

algumas palavras, Chico Bento consegue comunicar-se com os outros. Chico Bento apresenta uma variação regional no seu modo de falar, que sua linguagem é representada pela região em que vive, que é a zona rural, falando do jeito dos moradores do interior e do local que reside com seus pais. Ao modo que, é observado na conversa com seu pai, que fala e se veste da mesma maneira.

Vale mencionar que, a língua portuguesa falada no Brasil é fortemente marcada pela influência das línguas africanas, especialmente nas variantes linguísticas que se desenvolvem nas regiões rurais e periféricas. Essa influência pode ser observada principalmente no vocabulário, em algumas estruturas gramaticais e também em expressões coloquiais que remetem à herança africana. A fala dos personagens do interior, como Chico Bento, também pode refletir uma musicalidade que remonta a influências afro-brasileiras, especialmente no uso de expressões rítmicas e de intonação que são comuns no modo de falar de pessoas de ascendência africana. A cadência e o jeito de dar ênfase às palavras pode remeter ao padrão discursivo das comunidades afrodescendentes.

Imagen 2: Papai vai à escola



Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2019/09/chico-bento-papai-vai-a-escola.html>

Por meio dessa imagem, percebemos que Chico Bento e seu pai são falantes do português não padrão, apresentando os traços do dialeto caipira. A partir dessa tirinha, podemos observar a presença da variação linguística regional, sendo que o pai de Chico Bento e ele tem um modo de falar, uma vez que Chico Bento utiliza “discobriu” em vez de “descobriu”, “Brasir” em vez de “Brasil”. Do mesmo modo, seu pai utiliza “mior” em vez de “melhor”, “manera” em vez de “maneira”, “istudando” em vez de “estudando”, “ocê” em vez de “você”, “priguiçoso” em vez de “preguiçoso”. A maior parte das pessoas consideram que essa maneira de falar do português não padrão soa como erro, postura que muitas vezes, as conduz ao preconceito linguístico. Neste exemplo, pode-se observar uma modificação de uma sílaba para a outro. Para Bortoni-Ricardo (2014), este fenômeno é algo comum entre as pessoas que vivem no campo. Ou seja, Chico Bento e o pai utilizam a linguagem predominante do lugar em que vivem, caracterizando-se como uma herança familiar e do meio social.

A fala de Chico Bento é um exemplo de variação urbana porque ele mescla elementos linguísticos do mundo rural com influências da vida urbana. Essa variação é regular, ou seja, não ocorre de forma aleatória, mas sim conforme a necessidade do contexto social, que pode ser o campo ou a cidade, e isso reflete como a linguagem se adapta às condições de comunicação e aos interlocutores. Essa adaptação do personagem ao ambiente urbano, ao mesmo tempo em que mantém sua origem rural, é um excelente exemplo de como a linguagem se adapta e varia de forma dinâmica em diferentes contextos, especialmente quando existe uma fusão de influências entre mundos diferentes, como o rural e o urbano. A variação urbana, como sugerido por Bortoni-Ricardo, é a chave para entender essa fluidez na fala de Chico Bento.

Logo, o personagem Cebolinha, que é conhecido por muitas pessoas, como aquele menino que fala errado, pois ele troca o r pelo l, uma característica marcante da variante regional de alguns lugares do Brasil; tendo em vista que este fenômeno é formado pela linguagem mais informal que sofre influência de outras culturas e até mesmo de dialetos locais. A partir da imagem abaixo poderemos observar a troca do r pelo l na fala do Cebolinha:

Imagen 4: Cebolinha, o pai e a mãe



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Disponível em: <https://www.kuadro.com.br/gabarito/eear/2016/fisica/eear-2016-o-personagem-cebolinha-na-tirinha-abaixo/22798>

A partir dessa tirinha, percebe-se que Cebolinha troca o r por l, a qual podemos frisar nas seguintes palavras do quadrinho: “platô” e “queblado”, representando-se como um tipo de dislalia funcional. Este tipo de fenômeno diz respeito quando há um distúrbio na fala da pessoa, onde há má formação das palavras, ou seja, se constitui na incapacidade do indivíduo em pronunciar uma palavra de maneira correta em consonância com os fonemas. Portanto, a troca do "r" por "l" em Cebolinha não deve ser confundida com uma variação linguística, que é um fenômeno socialmente aceito e contextual, mas sim com um problema de aquisição da fala ou distúrbio de articulação. Nesse sentido, a fala de Cebolinha pode ser vista como um exemplo clássico de dislalia funcional, onde há dificuldade na pronúncia correta dos fonemas, e não uma característica linguística relacionada a um grupo social ou geográfico específico.

A partir da imagem a seguir podemos observar Cebolinha e Cascão conversando:

Imagen 5: A história de herói de Cebolinha e Cascão



Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2021/11/cebolinha-e-cascao-hq-duelo-em-quadrinhos.html>

Por meio dessa tirinha, podemos observar que o Cebolinha traz uma expressão peculiar da troca fonética do r pelo l para poder pronunciar as palavras, representando uma característica que faz parte do humor das tirinhas de Maurício de Sousa e contribui significativamente para construir a identidade do personagem, sendo a variante linguística um dos principais aspectos que fazem com que ele seja reconhecido entre os leitores.

Na imagem 06, Cebolinha troca o r pelo l, como podemos observar por meio das seguintes palavras retiradas da tirinha: “plimeilo” em vez de primeiro, “atlapalha” em vez de atrapalha, “inspilação” em vez de inspiração, “delotar” em vez de derrotar, “dinossaulo” em vez de dinossauro, “quelo” em vez quero, “lecebeu” em vez de recebeu; palavras que são colocadas em negrito no quadrinho para trazer maior

visibilidade e reconhecimento destas palavras e da troca fonética, mas, principalmente, trazer o modo peculiar de falar de Cebolinha. Outro exemplo da troca do r por l, pode ser observado na imagem abaixo:

Imagen 6: Herói e vilão de Cebolinha e Cascão



Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2021/11/cebolinha-e-cascao-hq-duelo-em-quadrinhos.html>

Por meio da imagem 6, podemos perceber que Cebolinha traz consigo uma variante linguística que é resultante dos fatores externos da região e do contexto social em que vive, que o modo de falar em trocar o r por l é uma prática que aprendeu e que está inserida na sua identidade. A partir da tirinha, percebe-se que o dialeto do Cebolinha é diferente do de Cascão, mas em momento algum sua comunicação não é efetivada, ela é entendida e compreendida, sendo que os amigos de Cebolinha já se acostumaram com o modo de falar dele e que faz parte da sua expressão linguística. As palavras “pleciso”, “história”, “enolme”, “tlabalho” e “lepecente” faz parte da linguagem do Cebolinha, que ao trocar o r por l, ele está simplesmente falando da forma como ele fala e se identifica.

Bortoni-Ricardo (2014) destaca que a utilização da análise sociolinguística baseada nas falas dos personagens Cebolinha e Chico Bento de Maurício de Sousa permite com que conheçamos o repertório linguístico e as variantes presentes em

seus diálogos, visto que a sociolinguística é basicamente a relação da linguagem com a sociedade, assim como, se observa nos dialetos de Cebolinha e Chico Bento, que são influenciados por questões sociais, geográficas, regionais e culturais.

Portanto, a análise sociolinguística nas falas de Cebolinha e Chico Bento permite com que possamos compreender as variações linguísticas existentes no Brasil e no interior, mas, acima de tudo, as representações linguísticas e as identidades regionais presentes nas falas dos personagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa nos permitiu perceber que os estudos da sociolinguística deve ser encarados como contribuição da dinamicidade e evolução da língua, não somente como um estudo das variações, mas como um processo dinâmico da linguagem motivado pelas transformações sociais, culturais e históricas. A partir disso, entende-se que a língua não deve ser constituída como uma base imutável, mas como uma abordagem que está em constante mudança e adaptação, conectando-se com as interações sociais dos grupos. Em tese, a sociolinguística permite uma visão mais ampla da língua, refletindo as relações de identidade e de diversidade cultural marcadas pela sociedade, demonstrando que as variações linguísticas são autênticas e naturais, que pertencem ao avanço da comunicação dos seres humanos.

Considerando a necessidade de investigar a heterogeneidade da língua, a diversidade e a pluralidade linguística, esta pesquisa objetivou investigar o modo de falar dos personagens em tirinhas como recurso pedagógico. Por meio das histórias dos personagens Chico Bento e Cebolinha de Maurício de Sousa, pudemos demonstrar, de maneira lúdica e acessível, os conceitos centrais da sociolinguística, proporcionando uma compreensão das variações linguísticas e das implicações do preconceito linguístico, refletindo a singular riqueza das múltiplas formas de expressão da língua. As histórias de Maurício de Sousa funcionam como um recurso profícuo para trabalhar a “consciência da diversidade Sociolinguística, fazendo com que o aluno adote uma postura respeitosa para com a variação linguística e a pluralidade cultural do Brasil” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 46).

A partir disso, é importante ressaltar que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois conseguiu-se discutir e abordar a caracterização dos falares de Chico Bento e Cebolinha, considerando as influências regionais, sociais e culturais que moldam suas falas. Chico Bento, por exemplo, possui um falar típico do interior de Minas Gerais, com características do dialeto rural, enquanto Cebolinha, como um personagem urbano, apresenta uma fala com algumas peculiaridades fonéticas, como a troca do "r" pelo "l". A pesquisa permitiu observar essas variações e classificar os falares de ambos personagens, associando-os a contextos sociolinguísticos específicos, como variações geográficas (dialetos regionais) e sociais (marcadas por idades, origens e contexto social).

As hipóteses desta pesquisa foram confirmadas, pois, ao analisar as tirinhas de Chico Bento e Cebolinha, foi possível observar que o modo de falar desses personagens, representados com características distintas e marcadas por variações linguísticas regionais e sociais, desempenha um papel importante na reprodução sociolinguística. Através da análise das tirinhas, ficou claro que essas representações linguísticas contribuem para a valorização e reforço de certas variações de fala, o que pode influenciar a percepção do público sobre diferentes formas de comunicação verbal.

Este estudo trouxe uma percepção significativa da sociolinguística, demonstrando que é possível identificar traços próprios de fala que refletem o regionalismo, como é o caso de Chico Bento, que tem um modo de falar interiorano e expressões típicas do campo, evidenciando não somente as diferenças de vocabulário, mas a maneira como os falantes se expressam, a pronúncia das palavras e a entonação do contexto rural; tendo em vista que Chico Bento fala com mais simplicidade e um modo de falar que denota um pouco de ingenuidade, apresentando as particularidades sociolinguísticas do contexto rural. De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), esse fenômeno linguístico é tipicamente comum nas falas das pessoas que moram na zona rural.

Em relação ao Cebolinha, outro personagem de Mauricio de Sousa, que é popularmente conhecido pelas pessoas, apresenta uma variação linguística que é a troca do “r” pelo “l”, constituindo-se como um fenômeno linguístico conhecido como sistema de troca fonológica, que costuma estar presente nas falas em razão de problemas de articulação que podem ser dirimidos por meio de tratamento fonoaudiológico. O traço da fala do Cebolinha não é somente uma simples marca de infantilidade, mas representa uma forma de expressão mais peculiar ao falar do personagem, além de representar uma característica de determinados grupos linguísticos. De modo geral, esta troca fonológica constitui-se tanto pelos contextos de desenvolvimento linguísticos da criança quanto como parte da variedade de fala de algumas regiões do Brasil (Bortoni-Ricardo, 2014).

Convém aceder que os traços das falas de Chico Bento e Cebolinha não somente demonstram as características próprias dos personagens, como discutem a diversidade linguística, enfatizando que a língua é construída por diversos fatores, como a questão geográfica e social. A partir disso, entende-se que não é apenas pela relação entre a língua oficial ou de outros países que podem ser consideradas como

símbolo identitário do código linguístico, mas no “âmbito de uma mesma língua, é notável como os usos linguísticos são um instrumento que os falantes usam para marcar sua identidade, especialmente sua origem geográfica” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 28).

Vale mencionar que, a relevância desta pesquisa para a área da Sociolinguística é significativa, porque ela contribui para o entendimento de como as variações linguísticas são retratadas na cultura popular, especialmente por meio de personagens amplamente reconhecidos como Chico Bento e Cebolinha. A análise do modo de falar desses personagens permite uma reflexão sobre como as características sociolinguísticas, como dialetos regionais, mudanças fonéticas e variações sociais, são representadas em um formato acessível e de grande alcance, como as tirinhas. Além destas contribuições significativas, o estudo ainda traz algumas lacunas que poderiam ser trabalhar em pesquisas futuras, como é o caso da interação de Cebolinha e Chico Bento com outros personagens da tirinha, sendo que seria relevante analisar como se comunicam e se existem variações na fala em relação ao contexto de situação em que estejam inseridos, buscando promover numa compreensão mais interativa da sociolinguística.

Conclui-se que, as falas de Chico Bento e Cebolinha, que são tipicamente reflexos do regionalismo e das especificidades locais, transformam-se como exemplo da diversidade linguística e da abordagem sociolinguística. Assim, percebe-se que as histórias contadas pelos personagens trazem a compreensão da heterogeneidade da língua e a variação da fala, demonstrando que não existe uma forma de falar certa e outra errada, mas existem diferentes formas de expressão, que cada um tem seu valor e seu reconhecimento a partir do seu contexto. Partindo dessa análise, este estudo proporcionou uma reflexão quanto ao fato de que as variações não representam uma prática de inferioridade, mas um processo que faz parte da cultura brasileira, mas, acima de tudo, entender que a língua é heterogênea por natureza e que não existe uma única forma de expressão da língua, mas várias.

## REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. **Entrevista com Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito Linguístico, variação linguística e ensino.** Caderno de Letras da UFF-Dossiê: Preconceito Linguístico e cânone literário, nº36, p. 11-26, 1 sem. 2008.
- ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística** Parte 1. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES Ana Cristina (orgs) Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BORIN, Maísa Augusta. **Sociolinguística.** 2010. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16413/Curso\\_Let-PortugLit\\_Sociolinguistica.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16413/Curso_Let-PortugLit_Sociolinguistica.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 de Outubro de 2024.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística.** Contexto. 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004 (Col. Linguagem, nº 4) 112 p. ISBN: 85-88456-17-6.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Manual de sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.
- CARVALHO, A. M. P. **Uma metodologia de pesquisa para estudar os processos de ensino e aprendizagem em salas de aula.** In: SANTOS, F. M. T.; GRECA, I. M. (Org.). A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias. 2. Ed. Ijuí: Unijuí, 2011
- CABRAL, Marina da Silva. **Um breve percurso sobre a história da linguística e suas influências na sociolinguística.** UFSC, 2014.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas.** In: Pedagogia Cidadã: cadernos de formação. Língua portuguesa Vol. 1. São Paulo: UNESP, Próreitoria de Graduação, 2004.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística.** In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. Manual de linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: Martelotta, M.E. (org.). **Manual de Linguística**. 1a Ed., 1<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

FERREIRA, Helena Maria; RAGI, Taísa Rita; LEANDRO, Yago Marshal Alves. **A coesão textual em histórias em quadrinhos**: uma proposta de leitura. Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho), v. 16, p. 246-264, 2019. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1882>. Acesso em: 20 de Outubro de 2024.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**/ William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Aspectos problemáticos numa Semântica Lógica para línguas naturais. In: **Fenômenos da Linguagem**: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RAMOS, P. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola, 2017.

SALOMÃO, Ana C. B. **Variação e mudança linguística**: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. Fórum Linguístico, Florianópolis. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: 20 de Outubro de 2024.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2018.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. Ática, ed. 7. São Paulo, 2002.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. CAMACHO, R. (2001). **Sociolinguística**. In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Cortez.

ILARI, R. e BASSO R. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1<sup>º</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2006.